

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Quero saber se o dinheiro do PSDB foi buscado numa sacristia"
(Lula, provocando a hipocrisia dos tucanos)

Delações aos magotes

► Na ação do juiz Moro, a prisão antecipa a pena. Lá se vai a presunção de inocência

VEM DA SABEDORIA popular, como quase sempre, a explicação mais simples e sincera sobre as ações da Polícia Federal e do Ministério Público em torno da Operação Lava Jato, conduzida a ferro e fogo pelo juiz Sergio Moro: o peixe morre pela boca.

Talvez não haja no Brasil de agora um instrumento jurídico mais popular do que a contestada delação premiada inaugurada na Lava Jato em outubro de 2014, mas presente na história do Brasil desde 1789, ano em que Joaquim Silvério dos Reis delatou Tiradentes.

No presente momento, em pouco mais de um ano, estão computados mais de 30 delatores. Paira no ar, no entanto, a ameaçadora informação de Rodrigo Janot dada na sabatina no Senado, quando foi reconduzido ao cargo de procurador-geral da República. Até então, disse ele, estavam em negociação no âmbito da Lava Jato entre 50 e 60 delações.

Não se sabe se nos números de Janot estava incluída a explosiva confissão de Nestor Cerveró, ex-diretor da Petrobras. É a mais recente. Foi consumada na sexta-feira 20.

O método do juiz Moro é sustentado por um princípio: da delação nasce a prova. Posteriormente, que seja testada nos tribunais. Segundo os advogados, as confissões são arrancadas, muitas vezes, por critérios ilegais. A prisão antecipa a pena. E, então, lá se vai a presunção de inocência.

Assim Cerveró abriu o bico. O

senador petista Delcídio do Amaral tentou calá-lo de forma grotesca e, possivelmente, criminosa. Falou demais. Estava grampeado pelo celular de Bernardo Cerveró.

Bernardo é filho do delator. Grampeou Delcídio e, simultaneamente, pescou André Esteves, peixe bem graúdo. Banqueiro influente, Esteves é um dos homens mais ricos do Brasil. Segundo a revista *Forbes*, tem cerca de 3 bilhões de dólares. Com todo esse dinheiro acaricia os amigos mais próximos como Aécio Neves. O senador tucano, acompanhado da mulher, já curtiu alguns dias no majestoso Waldorf-Astoria com viagem e diárias pagas por Esteves.

Como é pequena a elite deste país. Eles se conhecem.

Delcídio tem passe livre para transitar nesse grupo. Foi diretor de Gás e Energia da Petrobras no segundo mandato de Fernando Henrique. Senador por Mato Grosso do Sul, por razões políticas locais saiu do PSDB para o PT. É um político anfíbio. Ele próprio se define como "o mais tucano dos petistas".

Isso expressa o comportamento das regras básicas das políticas tradicionais. Pouca coisa é feita pelo interesse coletivo. Predomina o interesse pessoal.

Sob a perspectiva do senso de humor, já é possível visualizar resultados desse vergonhoso episódio político. Ele pode provocar, por um lado, a redução nas ligações via celular e, por outro, talvez seja capaz de reduzir os gastos do Congresso. Isso teria um provável impacto negativo no ganho das operadoras. Curiosamente, essas empresas, ao fim e ao cabo, são vítimas da tecnologia embutida nos aparelhos de telefone com os quais elas inundam o mercado.

Os políticos como Delcídio precisam ter cuidado com o uso deles.



Conte-nos, por favor, as delícias de uma temporada no Waldorf Astoria



Um dia desses vai dizer que prefere cheiro de cavalo

so em cada estado da federação contra a pessoa física de vocês (...) Vamos brincar disso? Eu gosto”.

Ele carrega o DNA do esquecido avô.

Um fio da história

Ainda no primeiro mandato de FHC, Delcídio do Amaral, filiado ao PSDB, como diretor de Gás e Energia da Petrobras, entre 1999 e 2002, negociou a compra de dez térmicas após o apagão, com turbinas GE e Alstom.

Ildo Sauer, diretor do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, substituiu o tucano Delcídio, naquele cargo, no primeiro mandato de Lula.

Alertado pelo corpo técnico da Petrobras, Sauer pediu ao advogado Eros Grau para analisar os contratos. Grau chegou a uma conclusão preocupante. Os contratos ensejavam “enriquecimento sem causa” e seriam lesivos à empresa.

Com base nesse parecer, Sauer cancelou os contratos e tomou as térmicas, motivo pelo qual foi afastado da diretoria da estatal.

Delcídio, como diretor da Petrobras, tinha duas pessoas muito próximas a ele. Um, o operador Fernando Baiano e, o outro, o empresário Gregório Preciado,

casado com uma prima do senador José Serra.

Nardes no TCU

Em 2005, o deputado Augusto Nardes renunciou à Câmara para disputar e ganhar a vaga no Tribunal de Contas da União.

Para tomar posse havia um obstáculo à frente. Adylson Motta, então presidente do TCU, era um velho desafeto do eleito.

O contencioso, um comentado problema de contabilidade, vinha dos anos 70, quando os dois gaúchos integravam a copiosa Arena, sustentáculo político da ditadura.

Motta recusou-se a dar posse ao desafeto na gestão dele. Nardes, resignado, esperou sentado por quase oito meses.

Efeito dólar

Cresce no Itamaraty o movimento de protesto, entre os embaixadores e ministros conselheiros, nos postos considerados de “classe D”, que identifica os países ditos subdesenvolvidos.

Os embaixadores designados para os países fora desse circuito da miséria ganham 10 mil dólares e os ministros conselheiros, cerca de 9 mil.

Nos postos de “classe D” há, ou havia, um adicional de, aproximadamente, 40%.

O adicional foi cortado devido à cotação do dólar.

Os salários superaram o teto no serviço público.

Bons tempos

O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, deve ter saudades dos tempos, ainda recentes, em que confabulava à luz do dia com Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, sobre o impeachment da presidenta Dilma. Oficialmente não se visitam mais.

Sangue na veia

Eis que, de repente, não mais que de repente, apareceu na página do Exército uma ousada postagem do jovem e rico empresário Paulo Figueiredo Filho, 33 anos, com agressões grosseiras ao comandante do Exército Eduardo Villas Bôas.

Paulo, neto do general Figueiredo, o último presidente do ciclo ditatorial, tomado de ira insana, disse que o Exército é comandado por “um bunda-mole traidor da pátria”.

Ele arrosta: “Eu quero ver vocês me processarem. Vou pegar o nome do oficial responsável pelo processo e vou, juntamente com o ‘Vidas Boas’, contratar meia dúzia de advogados bons e abrir proces-